**Aveiro\_Síntese 2022** | CALENDÁRIO

19 a 29 de Maio

[i1] [TA - Sala Estúdio] instalação de Joanna Baillie

[i2] [TA - foyer] instalação de Carlos Santos

Quinta-feira, 19 de Maio

[c1] [TA - Sala Principal] Joanna Bailie na tela :: 21h30

\_[i1 • i2]\_abertura das instalações :: 22h30

Sexta-feira, 20 de Maio

[o1] [AnT] encontro com a compositora Joanna Bailie :: 14h30

[c2] [TA - Sala Estúdio] carta branca a Pedro Bento (acusmática) :: 21h30

Sábado, 21 de Maio

[o2] [TA - Salão Nobre] compôr para oboé no século XXI, com Tiago Coimbra :: 10h00

[c3] [TA - Principal] CMACG + MEC :: 21h30

Domingo, 22 de Maio

[c4] [TA - Sala Estúdio] Jonathan Silva :: 18h30

Quinta-feira, 26 de Maio

[c5] [TA - Sala Estúdio] Nuno Aroso & CLAMAT :: 21h30

Sexta-feira, 27 de Maio

[c6] [TA - Sala Estúdio] NMpNM solos :: 18h30

[c7] [TA - Sala Principal] ars ad hoc :: 21h30

Sábado, 28 de Maio

[c8] [TA - Sala Estúdio] Margarida Lamelas & Francisco Martins :: 21h30

Domingo, 29 de Maio

[c9] [TA - Sala Principal] Orquestra das Beiras + NMpNM; R. Castro Blanco:: 18h30

**----- INSTALAÇÕES**

**Quinta-feira, dia 19 • 22h30**

**abertura das instalações**

(em exibição até dia 29)

Teatro Aveirense \ Foyer da Sala Principal

[i1] insomnia hyperacusis \* [2022]

instalação de Carlos Santos

Teatro Aveirense \ Sala Estúdio

[i2] *Reverse Side* \*\* [2021]

instalação de Joanna Bailie

\* estreia absoluta; encomenda da Arte no Tempo financiada pela Direcção Geral das Artes

\*\* estreia nacional

Ao longo da edição de 2022, a bienal Aveiro\_Síntese apresenta duas instalações diferentes. A primeira, *insomnia hyperacusis* (instalação sonora em quatro canais), é uma criação de Carlos Santos para a Arte no Tempo, que parte da dicotomia entre sono/sonolência/sonho (morpheus) e a sensitividade ao som. Nela, materiais sonoros de diferentes origens são organizados de forma a revelar um jogo de subtilezas que criam uma intrincada teia sonora. A segunda é uma adaptação de *Reverse-side* [2021], em que Joanna Bailie associa uma dupla instalação vídeo a uma sequência de 16 minutos de som em quatro canais, na qual reflecte sobre como será vivenciar o “outro lado” de um som ou de uma imagem, criada para a edição de 2021 do Festival Labor Sonor (Berlim).

**----- OFICINAS**

**[o1] encontro com Joanna Bailie**

**Sexta-feira, dia 20 • 14h30**

**Arte no Tempo**

Após o lançamento do terceiro episódio do podcast Vortex Temporum (que a Arte no Tempo desenvolve em parceria com a Limina) e a exibição de dois filmes na abertura da bienal Aveiro\_Síntese, tirando-se partido da presença da compositora – que se encontra numa breve residência artística em Aveiro para um trabalho de gravações de campo a que recorrerá para a criação de uma caminhada aural –, Joanna Bailie recebe os interessados para uma partilha de ideias sobre o seu trabalho e a criação musical contemporânea.

**[o2] compôr para oboé no século XXI, com Tiago Coimbra**

**Sábado, dia 20 • 10h00**

**Teatro Aveirense \ Salão Nobre**

Com a oficina ‘compôr para oboé no século XXI, com Tiago Coimbra’ pretende-se promover uma aproximação entre ‘oboísta’ e ‘compositor’ com vista à criação de novas obras para oboé, a estrear a partir de 2023. Assente na importância de um trabalho conjunto entre compositor e oboísta, no sentido de desenvolver as potencialidades sonoras e artísticas do oboé, a oficina serve como motor de arranque da colaboração, em que Tiago Coimbra oferece uma detalhada apresentação sobre a sua visão do instrumento, das suas potencialidades e características, com recurso a exemplos práticos do repertório oboístico, sem prejuízo da abertura de um espaço de debate no qual todos os participantes são convidados a intervir.

**----- CONCERTOS**

**[c1] Joanna Bailie na tela**

**Quinta-feira, dia 19 • 21h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Principal**

Joanna Bailie (1973) é uma compositora britânica que actualmente reside em Berlim e que tem desenvolvido um importante trabalho que desafia o tempo, quer em música de câmara, quer em obras audio-visuais, como é o caso das duas que apresenta no evento de abertura da bienal Aveiro\_Síntese 2022.

Tematicamente interligados e legendados em português, *Grand Tour* e *A giant creeps out of a keyhole* são comentados pela compositora na Sala Principal do Teatro Aveirense, onde são projectadas, encerrando uma residência artística de que resultará um novo projecto relacionado com a cidade de Aveiro, que na próxima temporada será trazido a público.

**Joanna Bailie (1973) | *The Grand Tour* \*\* [2015]** filme, 15’

**Joanna Bailie | *A giant creeps out of a keyhole* \*\* [2021]** filme, 38’

Ensemble Contrechamps

Lin Liao > direcção

Natasa Maric > flauta

Megumi Tabuchi > clarinete

Charles Pierron > trompa

Francesco d'Urso > trombone

Serge Bonvalot > tuba

Pierre-Stéphane Meugé > saxofone

Thierry Debons > percussão

Maximillian Haft e Meiko Nahaira > violinos

Hans Egidi > viola

Martina Brodbeck > violoncelo

Jonathan Haskell > contrabaixo

Joanna Bailie > composição, vídeo, eletrónica, voz

Benjamin Bard > gravação

David Poissonnier > edição, mistura e masterização

\*\* estreia nacional

**[c2] carta branca a Pedro Bento | “à volta de Varèse”**

**Sexta-feira, dia 20 • 21h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Estúdio**

Uma das obras mais reconhecíveis da história da música electroacústica é o *Poème Electronique*, com que Edgar Varèse encheu de som o Pavilhão Philips, na Exposição Universal de 1958, em Bruxelas. Um dos temas de estudo de Pedro Bento, investigador nas áreas da Organologia e da Acústica Musical, foi precisamente esta obra, à volta da qual concebeu um programa de música acusmática em que as restantes obras, cada uma de um modo diferente, se relacionam com a de Varèse.

Cândido Lima (1939) | *Lendas de Neptuno* [1987] ca 11’

electrónica sobre suporte fixo, 2 canais

Jean-Claude Risset (1938-2016) | *Five Resonant Sound Spaces* [2001-2] ca 14’30’’

electrónica sobre suporte fixo, versão para 8 canais

Kees Tazelaar (1962) | *Rayons de son* [2010] 17'10"

electrónica sobre suporte fixo, versão para 8 canais

Edgar Varèse (1883-1965) | *Poème Electronique* [1958] ca 8’

electrónica sobre suporte fixo, 2 canais

**[c3] CMACG + MEC**

**Sábado, dia 21 • 18h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Principal**

alunos da Escola Artística do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Aveiro

+ Música em Criação

Coro dos 5º e 6º anos de escolaridade

direcção de Ângela Alves e João Carlos Soares

Rafael Neves < trompa >

Além da estreia de uma obra para instrumento solo e electrónica da colectânea Nova Música para Novos Músicos, neste concerto, que, em palco, conta exclusivamente com alunos da Escola Artística do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Aveiro, terá lugar a estreia integral da obra “Coro dos Pequenos Cidadãos”, de Mariana Vieira, para coro e electrónica, composta com o apoio do programa Cidadãos Ativ@s (componente dos EEA Grants especificamente destinada a apoiar as Organizações Não Governamentais, em Portugal gerido pela Fundação Calouste Gulbenkian em consórcio com a Fundação Bissaya Barreto), a partir de textos elaborados pelos alunos da Escola de Alumieira (Agrupamento de Escolas de Esgueira) nas aulas de Educação para a Cidadania, parte integrante do projecto, orientadas por Tânia Sardinha, com a colaboração de Matilde Andrade.

A estreia integral da obra para coro é agora preparada por João Carlos Soares e Ângela Alves.

Entre peça solo e peça de coro, é escutada a obra *Brincar de pensar*, de Marta Domingues, única obra seleccionada em 2022 no âmbito da rubrica ‘música em criação’.

João Pedro Oliveira (1959) | *Electrhorn* \* [2021] 2’40”

trompa e electrónica sobre suporte fixo, 2 canais

Marta Domingues (2000) | *Brincar de pensar* [2022] ca 9′

electrónica sobre suporte fixo, 2 canais

Mariana Vieira (1997) | *Coro dos Pequenos Cidadãos* \*\*\* [2021] ca 30’

para coro e electrónica

\* estreia absoluta; encomenda da Arte no Tempo financiada pela Direcção Geral das Artes.

\*\*\* estreia da versão integral; encomenda da Arte no Tempo financiada no âmbito de um projecto apoiado pelo programa Cidadãos Ativ@s. Projecto desenvolvido com o Agrupamento de Escolas de Esgueira e a Escola Artística do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Aveiro.

**[c4]  Jonathan Silva :: vibrafone e electrónica**  
**Domingo, dia 22 • 18h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Estúdio**

Jonathan Silva > vibrafone

Nádia Carvalho > electrónica

Com raízes na Murtosa, Jonathan Silva (1994) completou no Conservatório de Música de Aveiro a sua formação inicial, estudando posteriormente na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, Conservatoire de Strasbourg e Hochschule für Musik Detmold. À bienal Aveiro\_Síntese 2022 traz um programa para vibrafone e electrónica maioritariamente de autores portugueses, em que estreia uma peça que o próprio encomendou a Solange Azevedo.

Karlheinz Essl (1960) | *Sequitur XI* [2009] ca 11’

para vibrafone, prato e electrónica ao vivo

Solange Azevedo (1995) | *Obsessed clouds II* \*\*\*\* [2022] ca 8’

para vibrafone e electrónica sobre suporte fixo, 2 canais

João Pedro Oliveira (1959) | *Vox Sum Vitae* [2011] ca 9'

vibrafone e electrónica sobre suporte fixo, 6 canais

José Alberto Gomes (1983) | *Proyector I* [2014] ca 9'  
para vibrafone e electrónica

Igor C. Silva (1989) | *Drive!* [2013] ca 7’

para vibrafone, multipercussão e electrónica

\*\*\*\* estreia absoluta

**[c5] Nuno Aroso e CLAMAT :: on and off**

**Quinta-feira, dia 26 • 21h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Estúdio**

CLAMAT - colectivo variável

Nuno Aroso > direcção

Nádia Carvalho e Diana Ferreira > electrónica

Bernardo Cruz, Henrique Ramos, João Pedro Lourenço, Vitória do Bem e Rui Camões > percussão

Cerca de quarenta anos separam as duas peças de Joanna Bailie e de Simon Steen-Andersen da mítica *Mikrophonie I*, que Karlheinz Stockhausen compôs na década de 60, na qual “frequências normalmente inaudíveis (…) são tornadas audíveis” por um processo “semelhante ao da auscultação de um corpo operada por um médico”; “o microfone é utilizado activamente como um instrumento musical, contrastando com a sua anterior função passiva de reproduzir sons tão fielmente quanto possível”.

Nestas três peças que o CLAMAT (colectivo variável que se estreou precisamente na bienal Aveiro\_Síntese, em 2020) traz a Aveiro, a electricidade é apenas mais um instrumento manipulável na produção sonora.

Simon Steen-Andersen (1976) | *Difficulties Putting it Into Practice* \*\* [2007, rev. 2014] ca 9’

para quatro músicos

Joanna Bailie (1973) | *On and Off 2* \*\* [2008] ca 9’

para 3 radios, 3 radio/CD players (6 performers)

Karlheinz Stockhausen (1928 - 2007) | *Mikrophonie I* [1964-65] ca 25’

\*\* estreia nacional

**[c6] Nova Música para Novos Músicos**

**Sexta-feira, dia 27 • 18h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Estúdio**

Nádia Carvalho > electrónica

Pelo quinto ano consecutivo, a Arte no Tempo promove a criação de repertório para instrumento solo e electrónica, de compositores portugueses, dirigido a jovens intérpretes ainda em formação.

Neste concerto, preparado com a preciosa colaboração dos respectivos professores de instrumento, alunos de diferentes escolas do ensino artístico especializado e do ensino profissional vêm até Aveiro estrear obras compostas por encomenda da Arte no Tempo, com financiamento da Direcção Geral das Artes.

Ângela Lopes (1972) | *Mahâr* \*[2022]

para flauta e electrónica

Jaime Reis (1983) | *Magistri Mei: Bach – II. Echo* \* [2020]

para guitarra e electrónica

Jaime Reis | *Magistri Mei: Beethoven* \* [2022]

para trompete e electrónica

Elsa Filipe (1962) | *Essay nr 2* \* [2020]

para fagote e electrónica

Ângela da Ponte (1984) | *Macrophylla IV* \* [2018]

para acordeão e electrónica

Ângela da Ponte | *A quiet place* \* [2021]

para contrabaixo e electrónica

Pedro Rocha (1961) | *Vislumbres de Ascensão* \* [2018]

para contrabaixo e electrónica

António Sousa Dias (1959) | *In-ven-to-ção* \* [2022]

para trombone e electrónica

Luís Salgueiro (1993) | *Rainbow man* \* [2021]

para fagote e electrónica

Luís Salgueiro | *Fuzzy concepts* \* [2020]

para viola e electrónica

Tiago Cutileiro (1967) | *Motor Gerador* \* [2022]

para dois pratos e microfone

\* estreia absoluta; encomenda da Arte no Tempo financiada pela Direcção Geral das Artes

Alunos das escolas:

Academia de Música de Santa Maria da Feira

Escola Profissional Artística do Alto Minho

Escola Artística do Conservatório de Música de Coimbra

Conservatório de Música Jaime Chavinha

Escola Artística de Música do Conservatório Nacional

**[c7] ars ad hoc :: Berlim – século XXI**

**Sexta-feira, dia 27 • 21h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Principal**

ars ad hoc  
Ricardo Carvalho > pedal whammy e assistência ao piano

Horácio Ferreira > clarinetes e assistência ao piano

João Casimiro Almeida > piano

Ana do Vale > violino

Ricardo Gaspar > viola

Gonçalo Lélis > violoncelo

Nádia Carvalho > electrónica

O ars ad hoc traz à bienal Aveiro\_Síntese 2022 um programa preenchido por obras do século XXI, de três compositores que tem vindo a descobrir, todos eles residentes em Berlim. Da italiana Clara Iannotta, será interpretado um trio com sons electrónicos a que acrescem sons acústicos menos convencionais. Do dinamarquês Simon Steen-Andersen, interpreta pela primeira vez *Rerendered*, para um pianista e dois assistentes, além do Estudo para instrumento de cordas nº 2, desta vez em viola (e pedal whammy). Da britânica Joanna Bailie, o ars ad hoc fará a estreia nacional do quinteto *From above and far away* e Gonçalo Lélis interpretará *Trains*, cuja estreia nacional o ensemble mosaik trouxe ao Teatro Aveirense em 2019.

Clara Iannotta (1983) | *The people here go mad. They blame the wind* [2014] ca 10’

para clarinete, violoncelo, piano e electrónica

Simon Steen-Andersen (1976) | Estudo para instrumento de cordas nº 2 [2009] ca 6’

em viola e pedal whammy

Simon Steen-Andersen | *Rerendered* \*\* [2004] ca 10’

para piano (1 pianista e 2 assistentes)

Joanna Bailie (1973) | *Trains* [2014] ca 10’

para violoncelo e electrónica

Joanna Bailie | *From above and far away* \*\* [2020] ca 15’

para clarinete, violino, viola, violoncelo, piano e electrónica

\*\* estreia nacional

**[c7] JM AnT :: Margarida Lamelas & Francisco Martins**

**Sábado, dia 28 • 21h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Estúdio**

Ana Margarida Lamelas > viola

Francisco Martins > acordeão

Luís Antunes Pena > electrónica

Luís Antunes Pena (1973) | *Tombeau de Morton* \* [2022]

para viola, acordeão e electrónica

Cândido Lima (1939) | *CADENZA . MONODIA - quando se abrir o sol* \* [2021-22] ca 10’

para viola e electrónica

João Pedro Oliveira (1959) | *Simetrias* \* [2021] ca 8’30’’

para acordeão e electrónica

Stefan Prins (1979) | *Erosie (Memory Space #1)* \*\* [2005] ca 15’

para viola e acordeão

\* estreia absoluta; encomenda da Arte no Tempo financiada pela Direcção Geral das Artes

\*\* estreia nacional

**[c9] Orquestra das Beiras + NMpNM**

**Domingo, dia 29 • 18h30**

**Teatro Aveirense \ Sala Principal**

Rita Castro Blanco > direcção

Nádia Carvalho > informática musical

Matilde Cardoso > percussão solo

O concerto de encerramento desta bienal traz consigo algumas novidades. É a primeira vez que o estágio Nova Música para Novos Músicos inclui uma obra estreada em edições anteriores – *Macrophylla V* [2018], de Ângela da Ponte, trazida ao mundo em 2019, nos 3os Reencontros de Música Contemporânea, sob a direcção de Dinis Sousa.

É também a primeira vez que no mesmo estágio é incluída uma obra sem electrónica, razão que se justifica com a celebração do centenário do compositor greco-francês Iannis Xenakis, nascido a 29 de Maio de 1921.

É ainda a primeira vez que o estágio se apresenta no mesmo concerto que a Orquestra das Beiras, ambos sob a direcção da maestrina Rita Castro Blanco.

**Nova Música para Novos Músicos**

Ângela da Ponte (1984) | *Macrophylla* V [2018] ca 11’ (1)

para 14 instrumentos

Ricardo Almeida (2000) | *DOHRNII\** [2022] ca 7’ (2)

para 9 instrumentos

Iannis Xenakis (1922-2001) | *O-Mega* [1997] ca 4’ (3)

para 14 instrumentos

**Orquestra das Beiras**

Iannis Xenakis | *Voile\*\** [1995] 5'

para orquestra de cordas

Clara Iannotta (1983) | *dead wasps in a jam-jarr* (ii)\*\* [2016] ca 12’

para orquestra de cordas, objectos e ondas sinusoidais

\* estreia absoluta; encomenda da Arte no Tempo financiada pela Direcção Geral das Artes

\*\* estreia nacional

**COMPOSITORES**

Doutorada pela Universidade de Birmingham (Reino Unido) e Mestre em Ensino de Música pela Universidade de Aveiro, **Ângela da Ponte** (1984) vive actualmente no Porto, desenvolvendo as actividades de compositora e docente no Conservatório Regional de Música de Vila Real e na Academia de Artes de Chaves.

Em 2011, foi Jovem Compositora Residente na Casa da Música. A sua música tem sido tocada em Portugal por agrupamentos como Remix Ensemble, Sond’Ar-te Electric Ensemble, Perfoma Ensemble, Orquestra Jovens Músicos e grupos integrantes do Harmos Festival, entre outros. No estrangeiro, tem sido tocada no Reino Unido com o BEAST (Birmingham ElectroAcoustic Studio Theatre), França com a Orchestre National d’île de France, México (Festival Visiones Sonoras 2016), Polónia (Audiokineza), Colômbia, Espanha, E.U.A (Oregon Symphony) e Vertixe Sonora (Espanha).

angeladaponte.com

**Ângela Lopes** (Arada, 1972) concluiu a licenciatura e o CESE na ESMAE (Porto), em 2000, na classe de composição do professor Cândido Lima. Estudou ainda com Virgílio Melo, com quem colaborou na realização electrónica de obras diversas e no grupo MC47 – grupo de música mista da ESMAE; com Filipe Pires e com Álvaro Salazar, partilhando com este último a edição do CD Dual. Em 2004, iniciou o Doutoramento na Universidade de Aveiro, sob a orientação do compositor João Pedro Oliveira e co-orientação do compositor Mario Mary (na Universidade Paris VIII). Participa habitualmente na realização técnica electroacústica de obras várias do compositor Cândido Lima como em CHANTIER-Melodias em Pedra (2019), BAGATELA PARA MARIMBA E ELECTRÓNICA-1770-2020 (Beethoven) (2020) ou, ainda, Três Regalos-Nova versão para saxofone contralto (2020), entre outras. Colabora e/ou participa com regularidade nos festivais Música Viva e DME/Dias de Música Electroacústica. Salienta-se a sua colaboração na projecção electroacústica das obras musicais *Madonna of Winter and Spring*, de Jonathan Harvey, na Casa da Música, no Porto (Música Viva 2007) e Mixtur, de Karlheinz Stockhausen, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa (Música Viva 2008), ou a sua participação, em parceria com o compositor Cândido Lima, no projecto *A paisagem sonora em que vivemos*, apresentado durante a 55ª edição do festival DME, em 2017; a sua participação na 3ª edição do Simpósio “Cultura e sustentabilidade”, no Lisboa Incomum, com a estreia da obra Reciclo-Recírculos e a comunicação Reciclo-Recírculos – em forma de sanza (reutilizar-reciclar), em 2019; bem como, a organização conjunta com o compositor Cândido Lima do concerto ARQUITECTURAS – O que vamos ouvir?, com música de ambos os compositores, na Casa das Artes (Porto, 2019). Compõe, para formações diversas, música mista, música electroacústica e de multimédia, sendo a sua música interpretada em concertos em Portugal e no estrangeiro, em países como Brasil, Coreia do Sul, Espanha ou Holanda, por intérpretes de renome na música contemporânea. Compõe também música para teatro. Tem diversas obras publicadas em partitura, CDs e/ou DVDs, o último dos quais *Ver os sons, ouvir imagens I*, pelo Duo Contracello (edição Musicamera). É publicada também pelo Centro de Investigação e Informação da Música Portuguesa. É membro da Fondazione Adkins Chiti (Itália), da Associação de Compositores de Portugal e da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA).

Mais recentemente, tem composto por encomenda da Associação Arte no Tempo, tendo duas obras em estreia nos 3os Reencontros de Música Contemporânea: *Tempo de Diana*, para conjunto instrumental e electrónica e DITTY-DITTY, para viola d’arco e electrónica.

É professora de Análise, Composição, Acústica Musical e Oficina de Música. Criou, em 2010 e 2014, respectivamente, as disciplinas de Tecnologias e Composição Musical e de Oficina de Música, ambas aprovadas pelo Ministério de Educação. Fez parte, durante doze anos, da direção pedagógica da Academia de Música de Santa Maria da Feira, entre 2000 e 2012. Actualmente, é presidente da Direção da Academia de Música de Santa Maria da Feira e, simultaneamente, integra o órgão colegial da Direção Pedagógica.

Compositor, artista multimédia e investigador, **António de Sousa Dias** (Lisboa, 1959) é doutorado em Musicologia e diplomado com o Curso Superior de Composição. Divide a sua actividade entre a criação, a pesquisa e o ensino. É autor de música para filmes, documentários e animação, bem como de obras explorando diversas formações (instrumental, electroacústico, misto) e géneros. A performance e o teatro musical também desempenham um papel importante no seu percurso. O seu trabalho de investigação no sector da criação musical e ambientes virtuais conduzem-no actualmente aos domínios do multimédia, da instalação e da criação visual. É Professor Associado na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Nascido na região de Viana do Castelo, **Cândido Lima** (1939) iniciou os seus estudos gerais e musicais em Braga. Em 1963, ingressa no conservatório desta cidade e, um ano depois, é admitido no conservatório de Lisboa, tendo obtido os diplomas dos Cursos Superiores de Piano e de Composição dos Conservatórios de Lisboa e Porto, e de Filosofia na Faculdade de Filosofia de Braga, entre 1968 e 1973.

Doutorou-se em Estética pela Universidade de Paris I – Sorbonne. Durante vários anos estudou em privado e no Instituto de Estética e Ciências da Arte, Sorbonne, com o compositor Iannis Xenakis. Frequentou vários cursos internacionais em Portugal, Espanha, Holanda, Alemanha e França. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e da Secretaria de Estado da Cultura de 1975 a 1978.

Escreveu obras para orquestra, agrupamentos de câmara, coro, teatro, electrónica, electroacústica e por computador, sendo a sua música tocada em diversos países. Escreveu ainda numerosos ensaios, tendo vindo a realizar conferências e seminários dentro e fora do país.

Fundou o Grupo Música Nova (1973) e participou em reformas do ensino da Música. Tem colaborado com a Rádio e a Televisão, desde 1963, enquanto pianista, compositor, autor e apresentador, criando para a RTP várias séries de programas: “Sons e Mitos”, “Fronteiras da Música” e “No ventre da Música”.

Foi professor de Composição na Escola Superior de Música do Porto e foi o primeiro compositor português a abordar a informática musical nas Universidades de Paris II e Paris VII, bem como a utilizar o computador em composição musical.

Prossegue estudos pessoais sobre meios audiovisuais em trabalhos teóricos, técnicos e de composição, relacionados com aspectos de Filosofia, Antropologia e das teorias e técnicas da comunicação.

É professor investigador no INET-MD, da Universidade Nova, Núcleo da Universidade de Aveiro.

Artista sonoro e de música electrónica, **Carlos Santos** apresenta o seu trabalho, desde a década de noventa, em diversos formatos, como instalações sonoras, peças audiovisuais multi-canal ou concerto.

A solo ou em grupos de diferentes escalas, atribui uma atenção especial a fenómenos acústicos ou ao espaço arquitectónico no desenvolvimento musical.

Tem prática de electroacústica, “field recording” ou processamento electrónico em tempo-real com software desenvolvido por si. Possui uma extensa lista de colaborações registadas em CD.

Trabalha como designer gráfico e faz desenho de som e música para vídeo, animação e dança. Tem actividade pedagógica em diferentes escolas e instituições, em áreas tão diversas como programação maxmsp, “new digital media”, práticas artísticas sonoras ou “field recording”.

**Clara Iannotta** (Roma, 1983) é uma compositora e programadora italiana radicada em Berlim, cuja música tem sido encomendada e interpretada por agrupamentos, solistas e orquestras de reconhecido mérito, como Quatuor Diotima, Ensemble Intercontemporain, JACK quartet, Klangforum Wien, Neue Vocalsolisten, Münchener Kammerorchester, Nikel, WDR e SWR Orchestra.

Iannotta foi membro do Berliner Künstlerprogramm des DAAD, em 2013; Villa Médicis (Académie de France à Rome), em 2018–19; e diversas vezes premiada, incluindo o importante Ernst von Siemens Composers’ Prize e o Hindemith-Preis 2018, Una Vita nella Musica Giovani 2019, Premio Abbiati 2021, Bestenliste der deutschen Schallplattenkritik (German Record Critics’ Award) pelos seus três álbuns discográficos: *A Failed Entertainment*, *Earthing* e *Moult*.

Desde 2014, Iannotta é directora artística do Bludenzer Tage zeitgemässer Muzik.

A sua música está editada pela Edition Peters.

claraiannotta.com

As obras de **Edgar Varèse** (Paris, 22. Dezembro. 1883 – Nova Iorque, 6. Novembro. 1965) dos anos 20 e 30 eram agressivamente bastante mais “modernas” do que as de quaisquer outros compositores, devido à importância que os sons percussivos assumem na sua obra, assim como à complexidade rítmica, à estridente dissonância e à liberdade da forma de desenvolvimento que lhe são inerentes. Já nessa altura, Varèse antevia novos meios que lhe permitissem realizar as ideias que, até então, não poderiam passar de sonhos, e que viria a concretizar na música electrónica.

Quando os gravadores de fitas se tornaram acessíveis, nos anos 50, Varèse cria duas das primeiras obras de referência de toda a música electrónica até aos nossos dias (Déserts, para orquestra e fita, e Poème Electronique, para fita solo).

Estudou com Roussel na Schola Cantorum, e Widor, no Conservatório de Paris. Depois seguiu para Berlim, onde privou com Busoni, cujo “Sketch for a New Aesthetic of Music” muito o influenciou, Hofmannsthal (de cujos Oedipus e Sphynx, Varèse criou a ópera), e Strauss (que lhe proporcionou a execução do seu poema sinfónico Bourgogne).

Em 1913, regressa a Paris, deixando a maioria da sua música em Berlim, onde foi destruída pelo fogo.

No final de 1915, embarcou para os Estados Unidos e estabeleceu-se em Nova Iorque como compositor e maestro. Entre os anos 1918 e 1927 escreveu seis grandes obras orquestrais e para orquestra de câmara. Nelas empregou as memórias da música que o impressionara na Europa – Débussy, um Schönberg atonal, e um Stravinsky da *Sagração* e de *Petrushka*, excedendo os seus modelos através do seu vigoroso desejo pelo novo.

Ideias melódicas evitavam implicações harmónicas, privilegiando a insistência numa única nota (como acontece em *Intégrales* e em *Hyperprisme*). A constituição de acordes é ditada por uma saturação cromática e, particularmente, pela necessidade de dissonância estridente.

As suas “massas sonoras” são postas em jogo, numa constante mudança de combinações.

Entre 1928 e 1933 regressou a Paris, onde continuou a sua exploração de novas fontes. Escreveu *Ionisation*, para orquestra de percussões, e usou dois dos novos instrumentos de Martenot em *Ecuatorial*.

No final dos anos 30, e pelos anos 40, já de volta aos Estados Unidos, sonha com um trabalho no qual pudesse envolver vários executantes espalhados pelo planeta, em diferentes estações de rádio (Espace). Durante este período não conclui obra nenhuma, mantendo-se activo na procura da produção de som organizado.

No início dos anos 50, retoma a composição escrita com *Déserts*. Em 1953, a oferta de um gravador de fitas permite-lhe usar música em fita. Todavia, depois de *Déserts* e do *Poème Electronique*, não terminará mais nenhuma obra. *Nocturnal* (um dos seus projectos não electrónicos dos últimos anos) foi concluída postumamente pelo seu aluno Chou Wen-Chung.

Compositor, arquitecto e engenheiro civil, **Iannis Xenakis** (Braïl/Braïla – Roménia, 29. Maio.1922 – Paris, 04. Fevereiro.2001) fez os seus primeiros estudos de composição com Hermann Scherchen, Olivier Messiaen e Darius Milhaud, em França e na Suíça. Mais tarde, em 1976, concluiu na Sorbonne o curso de Letras e Ciências Humanas.

Durante a Segunda Guerra Mundial, participou no movimento de resistência grega, tendo-se refugiado posteriormente em França, a partir de 1947, vindo a adquirir a nacionalidade francesa em 1965. Durante doze anos, trabalhou com Le Corbusier em Paris, participando na concepção e design de muitos projectos como o Convento de Tourette, o Estádio de Bagdad e a Assembleia de Chadigarh. Entre as suas muitas criações contam-se o Pavilhão da Phillips, na Feira Mundial de Bruxelas em 1958, Polytope de Cluny (1972-74), acções de som e luz controladas por computador, Diatope para a Praça Georges Pompidou, e Polytope of Mycenae (1978) na área da Acrópole de Micenas, entre muitas outras. Iannis Xenakis foi ainda fundador e director do Centre d’Études de Mathématique et Automatique Musicales em Paris, e do Center for Mathematical and Automated Music da Universidade de Indiana. Entre 1967 e 1972, esteve ligado a esta Universidade na qualidade de professor associado. Entre 1970 e 1972, foi também membro do Centre National de Recherche Scientifique de France, e integrou o corpo docente da Sorbonne. Em 1974, recebeu a medalha de ouro Maurice Ravel, foi eleito membro honorário da American Academy of Arts and Letters, e do National Institute of Arts and Letters. Em 1977, Xenakis recebeu o Prémio Beethoven da cidade de Bona, e, em 1981, o Estado Francês atribuiu-lhe a Ordre des Arts et Lettres e a Medalha da Légion d’Honneur. Em 1982, recebeu as medalhas das cidades de Marselha e de Vendôme.

Como músico, é-lhe atribuída a invenção da música estocástica, através da introdução do cálculo das probabilidades e de algumas teorias da composição musical com base nos instrumentos, na electroacústica e no computador. A música contemporânea ficou-lhe ainda a dever a invenção de algumas técnicas de composição que no seu tempo constituíram a língua franca da música de vanguarda. A sua obra apresenta uma das saídas possíveis da crise da música serial. Os sistemas e métodos que estabeleceu foram muito significativos para a música surgida a partir de 1950.

**Igor C. Silva** (Porto, 1989) vive actualmente em Amsterdão. É compositor dedicado à interacção entre instrumentos, electrónica e meios multimédia, na qual músicos, electrónica e psicadelismo se conjugam em experiências multissensoriais. Trabalha regularmente com solistas, grupos de jazz e agrupamentos, dedicando parte da sua actividade musical e compositiva à improvisação e performance interactiva com electrónica e multimédia. A sua música tem sido encomendada e apresentada por vários agrupamentos, solistas, orquestras e festivais, assim como gravada em vários CDs, incluindo os álbuns *Chuva Oblíqua*, *Press The Keys* e o novo CD duplo da Casa da Música com obras para orquestra e agrupamento.

Em 2012, foi o Jovem Compositor em Residência na Casa da Música, tendo recebido várias encomendas, trabalhando com grupos como a Orquestra Sinfónica do Porto e Remix Ensemble, entre outros. Em 2015, foi também Compositor Residente nos estúdios da Miso Music, iniciando uma nova obra multimédia, estreada em 2017.

Igor C Silva ganhou diversos prémios, incluindo o 1º Prémio do “2º Concurso de Composição Casa da Música/ESMAE” (2009), com *Terminus*, para viola, electrónica em tempo real e iluminação, 1º Prémio do “5º Concurso Internacional de Composição da Póvoa de Varzim” (2010) com *FlipBook*, para quinteto e electrónica, e o 1º Prémio do “Concurso Internacional de Composição Jorge Peixinho/GMCL” (2015) com a obra *Blood Ink*, para pequeno agrupamento e electrónica. Em 2015, a sua obra *You Shoud Be Blind to Watch TV*, para agrupamento e electrónica, ganhou uma distinção no International Rostrum of Composers na Estónia e, em 2016, a mesma obra foi novamente distinguida pelo Ossia-Ensemble em Nova Iorque.

Também em 2016, *Frames#87*, para clarinete, electrónica e vídeo, foi seleccionada para o World Music Days Festival na Coreia do Sul. De projectos futuros, destacam-se concertos em vários festivais, incluindo o Gaudeamus MuziekWeek (Holanda), estreias de novas obras multimédia e concertos em Espanha, Holanda, Bélgica, Áustria e Coreia do Sul.

igorcsilva.com

**Jaime Reis** (Coimbra, 1983) iniciou os estudos musicais com António Tilly (5 – 12 anos de idade), prosseguindo-os no Conservatório de Música de Seia (12-17 anos). Entre os 17 e os 22 anos, frequentou a Universidade de Aveiro onde concluiu a Licenciatura em Ensino de Música (Composição), recebeu três bolsas de mérito e estudou com João Pedro Oliveira. Entre os 22 e os 24 anos, frequentou o curso de doutoramento em Ciências Sociais, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Aos 24 anos, iniciou o doutoramento em Ciências Musicais (FCSH-UNL) orientado pelos professores Salwa Castelo-Branco e Emmanuel Nunes, cujos seminários de composição frequentou regularmente desde 2003, a par de outros cursos, nomeadamente, com Karlheinz Stockhausen.

Aos 19 anos, organizou o seu primeiro festival: Dni Muzyki Portugalskiej w Krakowie, posteriormente designado Festival DME (Dias de Música Electroacústica).

Tem proferido conferências e cursos em instituições como: Universidade de Woosuk – Coreia do Sul, Keio University – Tóquio, Uni. de Manila, Iloilo, Mindanao (e.o. nas Filipinas) SciencesPo – Le Havre, USP, UNICAMP, UFBA, UDESC, UFMG (e.o. no Brasil), Hochschule für Musik Franz Liszt Weimar, Cursos Stockhausen 2009 – Kürten, 42. Darmstadt Internationale Ferienkurse für Neue Musik, International Summer School of Systematic Musicology.

É investigador no INET-md. Tem leccionado em escolas como a ESART, Instuto Piaget, FCSH-UNL, EMNSC e Conservatório de Música de Seia, onde também integra a direcção pedagógica. Tem recebido encomendas de entidades como Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Grupo Síntese, Duo Contracello, Borealis ensemble, UFT/INATEL, Festival Primavera, Logos Foundation (Belgium) e F.L.S.I. (Paris), entre outras.

É professor na Escola Superior de Música de Lisboa.

jaimereis.pt

**Jean-Claude Risset** (Le Puy, 13. Março. 1938 – Marselha, 21. Novembro. 2016) trabalhou três anos com Max Mathews nos Laboratórios Bell, para desenvolver os recursos musicais da síntese sonora por computador: imitação de timbres reais (instrumentos da família dos metais, 1965; paradoxos da altura do som, síntese de novos timbres e desenvolvimento de processos sónicos, 1967-1969). Compôs várias obras, a maior parte com recurso a síntese por computador em conjunção com instrumentos ou voz humana. Em 1969, publicou um catálogo de sons sintetizados por computador. Implementou sistemas sonoros computadorizados em Orsay (1970-1971), na Universidade de Marseille-Luminy (1974), e no IRCAM, onde Pierre Boulez o convidou para Director do Departamento de Informática (1975-1979). Como compositor em residência no Media Laboratory, MIT (1987-1989), implementou a primeira interacção em tempo real entre intérprete e computador com sons de piano acústico.

Foi Director de Investigação do CNRS, trabalhando em música por computador, em Marselha. Entre outras distinções encontram-se a Gold NICA, Ars Electronica, 1987; Grand Prix National de la Musique, 1990; Gold Medal, Centre National de la Recherche Scientifique, 1999.

Radicada em Berlim, **Joanna Bailie** (Londres, 1973) estudou composição com Richard Barrett e música electrónica no Real Conservatório de Haia (Países Baixos). Em 1999, recebeu uma “fellowship” para estudar na Universidade Columbia. Concluiu o Doutoramento na Universidade da Cidade de Londres, em 2018.

A sua música tem sido interpretada por grupos como o Ensemble Musikfabrik, Klangforum Wien, L’instant Donné, EXAUDI, Ensemble Mosaik, Ictus Ensemble, 2e2m, Plus-Minus Ensemble, Ensemble Nadar, KNM Berlin, Asamisimasa, Neue Vocalsolisten Stuttgart, The London Sinfonietta, The BBC Scottish Symphony Orchestra, The SWR Vokalensemble e the Ives Ensemble. Tem sido programada em eventos como Donaueschinger Musiktage, ECLAT, Biennale de Veneza, Huddersfield Contemporary Music Festival, SPOR Festival, MaerzMusik, Festival Reims Scènes d’Europe, Tuned City, Rainy Days Festival Luxembourg, Darmstadt, Borealis e Ultima, na Noruega, e Transit Festival, na Bélgica.

As suas obras mais recentes incluem música de câmara e instalação, caracterizando-se pelo uso de gravações de campo conjuntamente com instrumentos acústicos. Joanna Baille interessa-se também pela interacção entre o áudio e o visual, como se verifica nas suas obras para câmera obscura, que incluem a instalação *The place you can see and hear* e a peça de teatro-música *Analogue*.

Com o compositor Matthew Shlomowitz, Joanna Baille fundou e é directora artística do Ensemble Plus-Minus. Em Maio de 2010, foi curadora convidada do SPOR Festival, em Aarhus (Dinamarca) e, em Setembro de 2015, programou e produziu o Cut and Splice Festival, para a BBC Radio 3. Tem ensinado Composição na Universidade da Cidade de Londres, na Academia Real de Música de Aarhus, na Academia de Composição de Luxemburgo, e no 47º Curso Internacional de Verão de Darmstadt de Música Contemporânea. Em 2016, recebeu uma bolsa DAAD Berlim.

joannabailie.com

**João Pedro Oliveira** (1959) ocupa o cargo de Corwin Endowed Chair em Composição na Universidade da Califórnia em Santa Barbara. Estudou órgão, composição e arquitectura em Lisboa. Concluiu o doutoramento em Música na Universidade de New York, em Stony Brook. A sua música inclui obras orquestrais, música de câmara, música eletroacústica e vídeo experimental. Recebeu mais de 50 prémios internacionais pelas suas obras, incluindo três prémios no Concurso de Música Electroacústica de Bourges, bem como os prestigiados Magisterium e Prémio Giga-Hertz, o 1º Prémio no concurso Metamorphoses e o 1º Prémio no concurso Música Nova.

Foi professor na Universidade de Aveiro e na Universidade Federal de Minas Gerais. Publicou diversos artigos em revistas nacionais e internacionais, e escreveu um livro sobre teoria analítica da música do século XX.

jpoliveira.com

**Karlheinz Essl** (Viena, 1960) é um compositor, performer, improvisador, artista multimédia e professor de composição austríaco. Frequentou a Vienna Musikhochschule (1981-87), onde estudou composição com Friedrich Cerha e música electroacústica com Dieter Kaufmann. A partir de 1979, estudou musicologia e história da arte na Universidade de Viena, onde se doutorou em 1989 com a tese *Das Synthese-Denken bei Anton Webern*. Activo enquanto contrabaixista até 1984, tocou em agrupamentos de câmara e de jazz experimental. Enquanto compositor, contribuiu para o ambiente de programação em composição *Projekt 3*, de Gottfried Michael König, em Utreque e Arnheim (1988-89), no que mais tarde veio a ser a sua Biblioteca de composição em tempo real (RTC-lib) para Max/MSP/Jitter.

Essl foi também compositor residente nos Cursos de Verão de Darmstadt (1990-94) e no IRCAM (Paris, 1992-93). Entre 1995 e 2006 ensinou Composição Algorítmica no Estúdio de Música Avançada e Tecnologia Multimédia na Universidade Bruckner, em Linz. Desde 2007, é professor de composição em música electroacústica e experimental na Universidade de Viena de Música e Artes Performativas. Entre 1992 e 2016, foi curador musical do Museu Essl em Klosterneuburg / Viena.

O seu trabalho com computadores (em especial na Composição Algorítmica e arte generativa) e a dedicação prolongada à poética da música serial foram uma influência formativa no seu pensamento composicional. Tem procurado frequentemente combinar música com outras áreas e tem colaboração com o graffiter Harald Naegeli (*Partikel-Bewegungen*, 1991), o escritor Andreas Okopenko e o grupo de artistas "Libraries of the Mind" (*Lexikon-Sonate*, 1992-8), a arquitecta Carmen Wiederin (*Klanglabyrinth*, 1992-95), o artista video Vibeke Sorensen (*MindShipMind*, 1996, instalação multimédia para a internet) e Jonathan Meese (video e som generaritvo generativo *FRÄULEIN ATLANTIS*, 2007).

Durante os anos 1990, Essl desenvolveu diversos projectos para a internet e envolveu-se mais com improvisação. No festival Wien Modern 1989, apresentou-se como artista emergente e, em 1997, o seu trabalho foi exibido em concertos monográficos e instalações no Festival Salzburg. Em 2003, foi artista residente do festival musik aktuell e, em 2004, figurou em mais um conjunto de concertos monográficos na Brucknerhaus Linz. Ainda em 2004, Essl recebeu o prémio cultural para a música do Estado da Bbaixa Áustria.

Além de música instrumental, Karlhein Essl trabalha música electrónica, composição interactiva em tempo real e instalações sonoras. Desenvolve ambientes software para composição algorítmica e trabalha como performer e improvisador, recorrendo à utilização do seu próprio ambiente para composição em tempo real a partir do computador *m@ze°2* e a instrumentos como a guitarra eléctrica, o toy piano e caixas de música.

Personalidade carismática e incontornável, **Karlheinz Stockhausen** (Mödrath, 22 de Agosto de 1928 – Kürten, 5 de Dezembro de 2007) encontra-se nas mais reduzidas listas de compositores que influenciaram o pensamento do século XX, com um forte legado para as gerações vindouras. A sua música tornou-se um clássico, não deixando de ser provocatória na sua permanente renovação.

Obras como Gesang der Junglinge marcarão para sempre a História da electroacústica.

Estudou na Escola Superior de Música de Colónia e na Universidade desta mesma cidade. Em 1952, frequentou as aulas de Olivier Messiaen e fez um estágio no Grupo de Música Concreta da ORTF, em Paris. Realizou, então, a primeira síntese de espectros sonoros com sons sinusoidais produzidos electronicamente. A partir de 1953, colaborou com o Estúdio de Música Electrónica da Rádio de Colónia, que passou a dirigir em 1963. Em paralelo com a composição, estudou fonética e novas técnicas de comunicação.

Percorreu o mundo como conferencista, director de orquestra e intérprete.

Orientou cursos nos Estados Unidos da América (1965 e 1967), em Darmstadt e em Colónia. Desde 1964, como compositor e intérprete, dedica uma particular atenção à música electrónica com transformação ao vivo. Progressivamente, desenvolveu uma estética de uma “música universal”, que se encontra plasmada no gigantesco ciclo de sete óperas *Licht*.

A sua última visita a Portugal ocorreu em 2005, num fim-de-semana em que veio à Fundação Gulbenkian interpretar Hymnen, Wednesday Greeting e Kontakte. A sua última estreia em Portugal ocorreu no concerto de encerramento das comemorações dos cinquenta anos da Fundação Calouste Gulbenkian, com a estreia absoluta das peças nº 16-21 e 24 de *Natürliche Dauern* (2006), para piano, em Julho de 2007.

stockhausen.org

**Kees Tazelaar** (1962) frequentou cursos de Sonologia em Utrecht e Haia e, mais tarde, estudou composição com Jan Boerman no Conservatório Real. Desde 1993, lecciona no Instituto de Sonologia, que dirige desde 2006. Na composição electrónica, a sua música combina formalismo, variedade sonora e espacialização sonora. Kees Tazelaar tem tido encomendas do Performing Arts Fund NL, Johan Wagenaar Stichting, Festival in de Branding, Hollandia, De Veenfabriek, Festival Relevante Musik Berlin e Groupe de Recherches Musicales Paris.

Compositor e historiador, Kees Tazelaar especializou-se nas origens da música electrónica, na Holanda e na Alemanha. Por duas vezes, foi Professor Convidado Edgar Varèse, na Universidade Técnica de Berlim, onde se doutorou, em 2013, com a dissertação On the Threshold of Beauty: Philips and the Origins of Electronic Music in the Netherlands 1925–1965 (Rotterdam: V2\_Publishing, 2013).

Em 2017, Kees Tazelaar ganhou uma Fellowship Residency da Bogliasco Foundation.

keestazelaar.com

**Luís Antunes Pena** (Lisboa, 1973), compositor de música instrumental e electrónica, mudou-se para a Alemanha em 1999, estabelecendo-se na cidade de Colónia onde actualmente vive. A sua música revela uma preocupação crescente com o que o

compositor designou de *Consciência da Incerteza*: a incorporação de métodos

que promovem a ambiguidade na composição e a incorporação das várias

manifestações do ruído no processo criativo.

Estudou na Escola Superior de Música de Lisboa e na Folkwang Universität der Künste, Essen. Ainda durante os estudos em Portugal, o seu interesse pela divulgação e vivência da música actual levou-o a criar, em conjunto com Diana Ferreira e

João Miguel Pais, o festival internacional de música contemporânea ‘Jornadas

Nova Música – Aveiro’ (1997-2001).

Trabalhou com os agrupamentos Nadar, Mosaik, Musikfabrik, asamisimasa, hand

werk, Drumming – Grupo de Percussão, Remix, Inverspace e fundou

o trio ruído vermelho com Nuno Aroso e Francesco Dillon. É membro fundador

do quarteto de sintetizadores MONOPASS.

A sua música está documentada em dois CDs autobiográficos publicados pela

editora Wergo (*Caffeine*, 2016 e *Terrains Vagues*, 2013).

Ensina composição e música electrónica na Zürcher Hochschule für Musik,

Hochschule für Musik Karlsruhe e Folkwang Universität der Künste.

luisantunespena.eu

**Luís Salgueiro** (1993) é compositor de música instrumental, electrónica e mista, cuja atenção ao timbre e à produção material sonora é alimentada por conceitos do campo da cognição incorporada. Recentes e futuras col­ab­o­ra­ções incluem peças para a Orques­tra Gul­benkian, o Quasar Sax­o­phone Quar­tet, os Philippe Mar­ques e Duarte Pereira Mar­tins e o trio recherche.

A sua música tem sido tocada na Alemanha, Estados Unidos da América e pelas mais importantes salas de concerto portuguesas, como a Fundação Calouste Gul­benkian, a Sala Sug­gia da Casa da Músi­ca, o Salão do Conservatório Nacional, o Palá­cio da Aju­da, Teatro Aveirense ou Forum Luísa Todi. Participou na Euro­pean Net­work of Opera Acad­e­mies, trabalhando com a Fundação Calouste Gul­benkian, assim como com a The­at­er­akademie August Everd­ing, em cooperação com a JOiN da Staat­sop­er Stuttgart.

Luís Salgueiro é mestre em composição pela Hochschule für Musik, The­ater und Medi­en Han­nover, onde estudou com Ming Tsao, Gor­don Williamson e Joachim Heintz, com uma bolsa DAAD, depois de ter concluído a licenciatura também em composição na Esco­la Supe­ri­or de Músi­ca de Lis­boa, sob a orientação de António Pin­ho Var­gas, Car­los Mare­cos e Luís Tinoco.

É membro da direcção e coordena os esforços editoriais do movimento patrimonial pela música portuguesa (mpmp). Desenvolve ainda um trabalho significativo como copista e editor musical, em especial no campo da música contemporânea, tendo colaborado com prestigiadas editoras europeias como Peters, Casa Ricor­di e Durand – Sal­abert – Eschig.

lsalgueiro.com

**Mariana Vieira** (Sintra, 1997) é uma compositora residente em Lisboa.

É Licenciada em Música — Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa, onde estudou com Carlos Caires e Jaime Reis. Na mesma instituição, frequenta actualmente o Mestrado em Ensino de Música.

As suas obras têm sido tocadas em festivais como Young Euro Classic (Alemanha), Crossroads (Áustria), Monaco Electroacoustique (Mónaco) e Aveiro\_Síntese, entre outros

Em 2017, venceu o European Composer Award com a peça “Raiz”, encomenda da Jovem Orquestra Portuguesa que a estreou no Konzerthaus Berlin.

Participou em masterclasses com Åke Parmerud, Annette Vande Gorne e Bernard Fort.

Interessa-se pela produção de projectos artísticos, trabalhando nesta área paralelamente à sua actividade de compositora.

É a directora executiva do Festival DME e do Lisboa Incomum, projectos que desenvolvem actividades de criação, programação e educação no campo da arte musical contemporânea e da electroacústica. É ainda presidente da EMSCAN, associação com a qual desenvolve sobretudo projectos pedagógicos que combinam música e tecnologia.

mariana-vieira.tumblr.com

**Marta Domingues** (Braga, 2000) frequenta a Licenciatura em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa.

Frequentou masterclasses e conferências com compositores como Åke Parmerud, Panayiotis Kokoras, Annette Vande Gorne, João Pedro Oliveira, Robert Normandeau, Mario Mary, Hans Tutschku e Kaija Saariaho.

Desenvolve projectos educativos integrando a associação EMSCAN e, como compositora e membro fundador, o Forward Electroacoustic Music Ensemble (FEME-EMSCAN), desde 2016, tendo este projecto recebido o primeiro prémio Jovens Criadores 2017, na secção musical. É membro do Laboratório de Música Mista José Luís Ferreira (ESML). As suas peças têm sido apresentadas em eventos como Festival DME / Lisboa Incomum, Música Viva / Oculto d’Ajuda, Aveiro\_Síntese, BoCA – Biennal of Contemporary Arts / Teatro São Carlos e Monaco Electroacoustique (2017 e 2019).

A sua peça acusmática *Yliathim* foi selecionada para o festival Sonorities Belfast 2020 no Sonic Arts Research Centre (SARC) e ainda premiada com uma menção honrosa no concurso Métamorphoses da Influx, sendo posteriormente editada no CD Métamorphoses 2020. Integra a equipa de Produção do Festival Dias de Música Electroacústica.

**Pedro Rocha** (Torres Novas, 1961) fez os seus estudos de Piano no Conservatório de Lisboa com Gilberta Paiva e, depois, com Olga Prats. Em 1982, iniciou aí também os estudos de Composição, com Chistopher Bochmann, tendo-os prosseguido, a partir de 1987, com o mesmo professor, na Escola Superior de Música de Lisboa. Ainda no Conservatório, trabalhou Composição Livre com Jorge Peixinho.   
De 1990 até 1994, depois de terminado o curso de Composição, estudou em Paris com Alain Bancquart, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo, de 1992 a 1994, frequentado o “Curso de Composição e Informática Musical” do IRCAM, onde trabalhou com vários técnicos de informática e teve aulas com vários compositores, entre os quais Brian Ferneyhough, Philippe Manoury, Tristan Murail e Jonathan Harvey.

Frequentou diversos outros cursos e seminários, de Piano, Direcção Coral, Técnica Vocal, Canto e Electroacústica. Na Fundação Calouste Gulbenkian, frequentou os Seminários de composição, de Emmanuel Nunes; na ACARTE, de Teatro Musical, com Constança Capdeville; na Universidade Nova, de Direcção coral e de orquestra, com C. Bochmann e F. Eldoro; em Viana do Castelo, Seminários de Música Electroacústica, com Makoto Shinohara e Daniel Teruggi.

As suas obras usam frequentemente microtons, herança de Alain Bancquart, e modos não convencionais de produção de sons, de modo a obter timbres inusitados, ruídos brancos e corados, herança de Lachenmann. Esta tendência reflecte-se desde a sua obra *Vórtice* (1990), permanecendo até hoje. Outras obras como *Peça para cordas*, *To a world free from beliefs* e as suas peças acusmáticas reflectem a mesma estética.

O seu interesse pela improvisação levou-o também a incorporar processos aleatórios ou obras abertas nas suas composições como em *Dual*, *Algarve*, *To a world free from beliefs* e *No New World Order*.

Leccionou em várias escolas de música, entre as quais o Instituto Gregoriano de Lisboa, Fundação Musical dos Amigos das Crianças, ambos os Conservatórios de Coimbra, a Academia de Amadores de Música, a Escola Profissional de Música de Almada e a Escola de Música do Orfeão de Leiria.

**Ricardo Almeida** (Lisboa, 2000) concluiu o 8º grau em Guitarra Clássica no Conservatório de Música D. Dinis, realizando paralelamente um curso de jazz no mesmo estabelecimento. É licenciado em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa, onde estudou com Luís Tinoco, João Madureira e Jaime Reis. Actualmente, frequenta o mestrado em Música na mesma instituição, orientado pelo compositor Carlos Caires. Participou em masterclasses e workshops com Panayiotis Kokoras, François Bayle, Mario Mary, Robert Normandeu, Thomas Adès, Kaija Saariaho, Mario Pagotto e Annette Vande Gorne, entre outros.

É director artístico na associação cultural “Zarambel”, onde dirige projectos musicais com que se pretende a modernização e criação de repertório, tais como “Vibrações Ensemble” e “Bluesa Jazz Orchestra”. Como intérprete, integrou vários projectos de música improvisada, como o Texturas Ensemble, EcoLab, Compota, Big Band Júnior, e diversos combos de jazz utilizando electrónica em tempo real ou guitarra eléctrica.

Teve arranjos e peças tocadas em diversos espaços, como Mosteiro dos Jerónimos, Teatro Tivoli BBVA, CCB, Teatro de São Luiz, Teatro Thalia, Museo Interactivo de La Música e Mosteiro D. Dinis, entre outros.

Compositor, performer e criador de instalações, **Simon Steen-Andersen** (Odder, 1976) move-se entre a música instrumental, electrónica e vídeo, para orquestra sinfónica ou de câmara (com ou sem recursos multimédia), para cena, performance e instalação. Na última década, tem-se concentrado na integração de elementos concretos na sua música, com especial ênfase nos aspectos físicos e coreográficos da performance instrumental. As suas obras incluem instrumentos acústicos amplificados, combinados com sampler, vídeo, objectos do quotidiano ou construções caseiras.

Residente em Berlim, Steen-Anderson estudou composição com Karl Aage Rasmussen, Mathias Spahlinger, Gabriel Valverde e Bent Sorensen, em Aarhus, Friburgo, Buenos Aires e Copenhaga. Foi professor convidado na Academia de Música de Oslo (2013-14) e na Universidade das Artes de Berlim (2017) e leitor dos Cursos de Verão de Darmstadt (2014-16). É leitor de composição na Real Academia de Aarhus, desde 2008.

Agraciado com diversos prémios, como o Maurício Kagel, o Kunstpreis Musik, ou o Kranichsteiner, este membro da Academia Alemã das Artes tem tido encomendas para ensembles, orquestras e festivais, não só na Alemanha, mas de outros países europeus. Já trabalhou com ensembles como o Klangforum Wien, Collegium Novum Zurich, ICTUS, Arditti, London Sinfonietta, Intercontemporain, asamisimasa e NADAR.

simonsteenandersen.dk

**Solange Azevedo** (Póvoa de Varzim, 1995) é compositora e artista multidisciplinar. A sua produção musical inclui obras a solo, música de câmara, obras para agrupamento alargado e para orquestra, com e sem electrónica. Escreveu para os grupos Neue Vocalsolisten Stuttgart, Noviga Projekto, Hodiernus Ensemble e Síntese – GMC, tendo participado em festivais pela Europa. Em 2017, licenciou-se em composição (ESMAE-IPP), tendo concluído na mesma instituição o Mestrado em Composição, em 2021, no âmbito do qual investigou as relações entre elementos musicais e pictóricos do seu processo criativo. A necessidade de investigar tais relações é fruto do profundo interesse da compositora, também pintora.

Teve aulas de composição com Carlos Azevedo, Filipe Vieira, Dimitris Andrikopoulos, Eugénio Amorim e Philippe Manoury, tendo participado em master classes com Fernando Lapa, Mauricio Sotelo e Mathias Coppens.

Integrou o laboratório de criação de ópera, European Opera Academy LAB [2019-2021], culminando na estreia de uma pequena ópera, em setembro de 2021. Escreveu para os projectos “O saxofone inspirado na poesia guardense” [2021] no âmbito do INCENTIVART, na Guarda – encomenda de Luís Salomé; “Homenagem a Ruben A.” [2020] – encomenda MPMP; “Agustina: novas leituras, outras metamorfoses” [2019], organizado pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa; e, ainda, “Criação, circulação, registo de áudio e edição de obras de música portuguesa contemporânea, numa perspectiva reflexiva” [2018]. Integrou o projecto Música Pobre [2017], BoCA.

É membro fundador da Plataforma do Pandemónio – Colectivo de Criação Artística, no âmbito da qual tem tido a oportunidade de criar e integrar projectos interdisciplinares.

**Tiago Cutileiro** (Lisboa, 1967) é compositor e artista sonoro. Formou-se em Composição na Universidade de Évora. A sua obra abrange música instrumental, música electrónica, instalações sonoras e audiovisuais, música para filme e para teatro e tem sido apresentada sobretudo em Portugal mas também em Espanha, França e Alemanha. Em 2014, concluiu o Doutoramento em Composição sobre a não-narratividade na música contemporânea e a sua relação com géneros musicais tradicionalmente narrativos. Neste contexto compôs a ópera ‘Tudo Nunca Sempre o Mesmo Diferente Nada’.

Recentemente o seu trabalho tem-se focado na relação entre a realidade (tendencialmente não-narrativa) e a artificialidade (tendencialmente narrativa) na música e nas artes.

thegiveups.wordpress.com

**INTÉRPRETES**  
  
**Nádia Carvalho** (1994) começou os seus estudos musicais em 2005, na Academia de Música de Costa Cabral, na classe de saxofone de Gilberto Bernardes. Mais tarde, viria a ter como professores Guilherme Bogas, André Ramos e Francisco Ferreira, com quem acabou o 8º grau, em 2012.

Licenciada em composição pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto (ESMAE/IPP, 2015), estudou com Dimitris Andrikopoulos, Filipe Vieira e Fernando Lapa, entre outros. Como parte desse plano de estudos, frequentou a Royal School of Music em Estocolmo, no âmbito do programa ERASMUS, trabalhando com Pär Lindgren, Bill Brunson, Mattias Sköld e Karin Reiqvnist.

Como complemento à formação artística, frequentou o mestrado integrado em Engenharia Informática e Computação na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), que concluiu em 2020 com uma dissertação em informática musical.

Neste momento, frequenta o Programa Doutoral em Media Digitais na FEUP e desenvolve o seu projecto de investigação no Laboratório de Computação Musical e Sonora (SMC) da FEUP/INESC-TEC, sendo bolseira FCT.

Além das aulas, mantém actividade como saxofonista, sendo membro da Banda Filarmónica da Foz do Douro, do Grupo de Jazz da FEUP e da Orquestra Clássica da FEUP com a qual estreou, em 2016, uma obra sua encomendada pela mesma.

**Ângela Alves** é licenciada em Canto pela ESMAE, na classe de Fernanda Correia, e Mestre em Música pela Universidade de Aveiro, sob a orientação de António Salgado. Realizou cursos de aperfeiçoamento vocal com Jill Feldman, Christoph Rösel, Jorge Chaminé, Lamara Tchekova, Lorraine Nubar, Dalton Baldwin, Rodolf Piernay, Charles Spencer, Gundula Janowitz, Hilde Zadeck, Laura Sarti, António Salgado, Enza Ferrari. Trabalhou sob a direcção musical dos maestros: Ivo Cruz, Mário Mateus, Filipe Nabuco Silvestre, António Saiote, António Soares, António Sérgio, Artur Pinho, Juam Trillo , James Holmes, Nikša Bareza, Emílio de César, Marc Tardue, Nicholas Kok, Rui Massena, Paul Hillier, Laurence Cummings, Baldur Brönnimann, entre outros. Foi solista em várias obras do repertório da música sacra e no campo da ópera interpretou papéis como: Grilletta (*O Boticário*, J. Haydn), Rowan (*The Little Swee*p, B. Britten) Helen (*Hin und Zurück*, P. Hindmith), Serpina (*La Serva Padrona*, G. B. Pergolesi), Pamina (*A Flauta Mágica*, W. A. Mozart), Donzela Guerreira (*Donzela Guerreira*, Maria de Lurdes Martins), Natércia (*Natércia*, Sara Carvalho), Anna I (*Os Sete Pecados Mortais*, K. Weill), Jessie (*Mahagony Songspiel*, K. Weil), Berta (*O Barbeiro de Sevilha*, G. Rossini), Dorabella (*Così fan tutte*, W. A. Mozart), Pirene (*Auto de Coimbra*, Manuel Faria), Frasquita (*Carmen*, G. Bizet), Mademoiselle Silberklang (*O Empresário*, W. A. Mozart), Aia 1 (*Fragmento para um Sonho*, Pedro Amaral), Adina (*L’ Elisir d’Amore*, C. Donizetti), Bastienne (*Bastien und Bastienne*, W. A. Mozart) e Aia I (*O Sonho*, Pedro Amaral). Integra o Ensemble Clepsidra e o Coro Casa da Música desde a sua formação.

**João Carlos Soares** é diplomado em Canto pela Escola Superior de Música do Porto, vertente Lied e Oratória, na classe de José Oliveira Lopes. Frequentou diversos cursos de Técnica Vocal e Interpretação com Richard Levitt, Paul von Schillavsky, Liliana Bizinecke, Jorge Chaminé, Jill Feldmann e Lamara Chkonia. Integrando diversas formações musicais, interpretou, entre outras, as obras *Passio*, de Arvo Pärt (estreia nacional); *Magnificat*, de J. S. Bach; *Missa Dolorosa*, de Caldara; Missa em Sol Maior e *Dixit Dominus*, de Carlos Seixas; Messias, de Haendel; *Vénus e Adónis*, de John Blow; Missa em Fá, de Lobo de Mesquita; Missa da Coroação e Requiem, de Mozart; Jubilate Deo e *Dido e Eneias,* de Purcell; Glória e Stabat Mater, de Vivaldi; Stabat Mater, de Pergolesi; *A Floresta*, de Eurico Carrapatoso. Trabalhou sob a orientação de maestros como Omri Hadari, Christophe Rousset, Cesário Costa, Richard Gwilt, Ferreira Lobo, Kamen Goleminov, César Nogueira e Mário Mateus. Realizou um estágio de Aperfeiçoamento na Academia Barroca Europeia em Lyon (França), sob orientação dos cantores Agnes Mellon, Howard Crook, do maestro Christophe Rousset e do encenador Pascal Paul Harang. Faz parte do Ensemble Clepsidra, agrupamento que se dedica à interpretação de repertório *a capella*. Foi solista no espectáculo “Eles por Nós” realizado em França, Brasil e Venezuela. Participou em diversos Festivais de Música Portugueses, nomeadamente, Festival Internacional de Música de Mafra, Festival Internacional de Música de Gaia, Festival de Música de Almada e Festival de Música de Santa Maria da Feira. Gravou para a RTP, RTP Açores, RDP Madeira e Rádio Cultura de S. Paulo. É detentor de Vários prémios em concursos de Canto, nomeadamente nos Concursos “Helena Sá e Costa”, Juventude Musical Portuguesa, Prémio C.P.O. e Melhor Interpretação de Obra de Autor Português no âmbito do II Concurso Internacional de Canto Luísa Todi. É Mestre em Ciências Musicais pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

**Jonathan Silva** (1994) iniciou os seus estudos musicais no Conservatório de Música de Aveiro, estudando durante um ano na Universidade da mesma cidade. Concluiu a licenciatura em percussão e o mestrado em ensino de música na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE, Porto). Realizou ainda um Curso de Especialização em Vibrafone no Conservatoire de Strasbourg (França), enquanto bolseiro da Fundação GDA. Ao abrigo do programa ERASMUS, estudou também na Hochschule für Musik Detmold (Alemanha), durante um semestre.

Durante o seu percurso formativo, trabalhou nos mais variados contextos com percussionistas de referência do panorama nacional e internacional, como Miquel Bernat, Jeffery Davis, Pedro Carneiro, André Dias, Bruno Costa, Manuel Campos, Mário Teixeira, Rui Sul Gomes, Emmanuel Séjourné, Peter Prommel, Fumito Nunoya, Dominique Vleeshouwers, Christian Dierstein, Nick Woud, Michael Lauren, Mark Ford, Katarzyna Micka, Kuniko Kato, Ji-Hye Jung e Svet Stoyanov, entre outros, tendo alcançado o primeiro prémio no Concurso Interno do Conservatório de Música de Aveiro Calouste Gulbenkian, ao abrigo do qual se apresentou a solo com a Orquestra Filarmonia das Beiras, e o segundo prémio no Concurso Internacional de Vibrafone do Tomarimbando (Tomar).

Actualmente é timpaneiro da Orquestra Clássica do IPP e membro fundador do NoMad Duo (duo de eufónio e percussão, no qual colabora com Ricardo Antão) e do projecto Apophenia, juntamente com o percussionista Jorge Lima. Simultaneamente, é membro da lista de reforços da Orquestra Filarmonia das Beiras, da Orquestra Filarmónica Portuguesa e da Banda Sinfónica Portuguesa.

Apresenta-se regularmente a solo, em música de câmara e em orquestra, tendo já colaborado com agrupamentos como Remix Ensemble Casa da Música, Drumming – Grupo de Percussão, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Gulbenkian, Orquestra Clássica do Centro, Orquestra Filarmonia das Beiras e Orchestra Internazionale d’Italia.

jonathansilvavibraphone.wordpress.com

Professor, Investigador e solista de percussão com intensa actividade concertística, **Nuno Aroso** (Porto, 1978) desenvolve a sua carreira focado no desenvolvimento da literatura para a sua área instrumental. Tocou em estreia absoluta mais de 120 obras, em formato de concertos para percussão, música de câmara e solos, e gravou parte deste repertório em inúmeras edições discográficas (Wergo Naxos, Groove Scooter Records, Modermusix, Clean Feed, Cavalli Records, Baskaru, Monochrome Vision, entre outras).

Apresenta-se ao vivo em palcos de Portugal, França, Alemanha, Bélgica, Espanha, Itália, Eslovénia, Brasil, China, Tailândia, Suíça, África do Sul, Argentina, Grécia, Suécia, Inglaterra, Canadá, Bulgária, Tunísia, Escócia, Coreia do Sul, Japão, Chile e EUA.

Particularmente motivado para o enriquecimento e renovação da forma do concerto enquanto espectáculo completo e multidisciplinar, desenvolve com frequência relações artísticas com outras disciplinas: Dança, Cinema, Teatro, Literatura, “Media Arts”. O compromisso com a música de câmara leva Nuno Aroso a colaborar com inúmeros artistas e colectivos portugueses e europeus, em múltiplos contextos, desde os mais formais até aos que se movem por caminhos do experimentalismo e da improvisação.

Nuno Aroso licenciou-se pela Escola Superior de Música do Porto com a classificação máxima e prosseguiu estudos em Estrasburgo e Paris. É doutorado pela Universidade Católica Portuguesa, onde defendeu a tese The Gesture’s Narrative – Contemporary Music for Percussion.

Lecciona nas Universidades do Minho e Aveiro, assim como na Escuela Superior de Música de Extremadura – Musikex. Estende a sua actividade docente a outras prestigiadas universidades, conservatórios e festivais de música um pouco por todo o mundo: McGill University (Canadá), Universidade Federal de Belo Horizonte (Brasil), Conservatório Superior de Aragão (Espanha), Concorso Musical Paolo Serrao (Itália), Festival de Percussão de Uberlandia (Brasil), Days of Percussion – Athens (Grécia), World Percussion Movement – Bari (Itália), Universidade Federal da Bahia (Brasil), Oficinas da Música de Curitiba (Brasil), Connect Festival – Malmö (Suécia), Konart Percussion Academy Barcelona (Espanha), Universidade de la Plata (Argentina), Conservatório de Macau (China), Conservatório de Paris (França), Northwestern University (EUA), University North Texas (EUA), Festival de Percusión de Patagónia (Argentina), Valencia Percussion Academy, (Espanha), Manhattan School of Music (EUA), Universidad Alfonso X – UAX (Espanha), entre muitos outros.

Nuno Aroso toca com instrumentos Adams, Zildjian e baquetas Elite Mallets.

O **Clamat – colectivo variável** dedica-se à nova música para percussão. Entende o concerto como um acto poético, único e irrepetível. Para além do fomento da criação musical dedicada ao grupo, é parte da linha identitária deste projecto a colaboração artística transdisciplinar. Clamat – colectivo variável, é dirigido por Nuno Aroso e agrega alguns dos mais talentosos jovens percussionistas portugueses.

O **ars ad hoc** foi criado no contexto da Arte no Tempo como resposta à vontade de fazer música de câmara com os mais elevados padrões de exigência, combinando obras do grande repertório com a mais recente criação musical. O primeiro concerto decorreu no Outono de 2018, numa temporada apoiada pela Direcção Geral das Artes e o Município de Aveiro, em que pôs em confronto música de grandes clássicos com o trabalho de um dos mais interessantes criadores do nosso tempo, o compositor suíço-austríaco Beat Furrer (Schaffhausen, 1954), que, em Março de 2019, marcou presença na segunda edição da bienal Reencontros de Música Contemporânea, trabalhando com o ars ad hoc a estreia nacional do seu quinteto *intorno al bianco* [2016].

Na atribulada temporada de 2019/20, o ars ad hoc prestou particular atenção à música de Ludwig van Beethoven (1770-1827) e de Luís Antunes Pena (1973), tendo ainda revisitado obras de Beat Furrer e interpretado obras tão extraordinárias como *Talea* [1982], de Gérard Grisey (1946-1998). Além da sua “temporada regular”, o ars ad hoc marcou ainda presença em alguns festivais, estreando obras encomendadas a compositores portugueses e estrangeiros.

Ainda condicionada pela pandemia de COVID-19, a temporada de 2020/21 trouxe algumas estreias nacionais e absolutas, tendo o ano de 2021 ficado positivamente marcado pelo início da colaboração do agrupamento com a Fundação de Serralves, onde passa a desenvolver as suas residências artísticas.

2021/22 conta com uma atenção especial à música de Simon Steen-Andersen (1976) e com a estreia absoluta de obras de compositores portugueses. Na Fundação de Serralves, encontrou o ambiente adequado ao desenvolvimento de um trabalho sério de preparação e de apresentação do que tem vindo a desenvolver especificamente no campo da música dos nossos dias, trabalho esse que, de forma mais isolada, apenas vinha a apresentar nas bienais que a Arte no Tempo realiza no Teatro Aveirense.

Outras colaborações trazem a público um ars ad hoc com um campo de acção mais abrangente e versátil, combinando a mais recente criação musical com obras incontornáveis do grande repertório clássico e romântico.

A possibilidade de desenvolver um trabalho regular na Fundação de Serralves com programas próprios e outros paralelos às exposições, em colaboração com o Serviço de Artes Performativas, foi um importante contributo para redesenhar a estratégia com que pretendemos abraçar o futuro, continuando a levar a grande música a diferentes palcos e a públicos diversos, dando a conhecer o que de melhor se cria nos nossos dias e impulsionando a criação de nova música, em especial junto de compositores mais novos.

Apesar de ter já realizado perto de uma dezena de estreias absolutas e mais de uma dúzia de estreias nacionais, o ars ad hoc pretende afirmar-se pela qualidade do trabalho que desenvolve, privilegiando a profundidade das suas interpretações em detrimento do número de obras ou compositores tocados, procurando, sempre que possível, desenvolver uma relação de proximidade com os compositores na exploração das obras.

Com programação de Diana Ferreira, o ars ad hoc é formado por músicos que, depois de se terem notabilizado em Portugal, complementaram os seus estudos no estrangeiro, como o flautista Ricardo Carvalho (Aveiro, 1999), o clarinetista Horácio Ferreira (Pinheiro de Ázere, 1988), o pianista João Casimiro de Almeida (Cabeceiras de Basto, 1994), os violinistas Álvaro Pereira (Guimarães, 1986) e Diogo Coelho (Porto, 1988), o violetista Ricardo Gaspar (Lisboa, 1991) e o violoncelista Gonçalo Lélis (Aveiro, 1995).

arsadhoc.artenotempo.pt

**Ana Margarida Lamelas** (2000) frequenta actualmente, com bolsa de mérito, a Royal Welsh College of Music and Drama (RWCMD), em Gales (Reino Unido), e é finalista no curso de licenciatura em Performance em Viola d’Arco. Tem-se destacado em variados tipos de formação e performance. Em orquestra, participou na Mahler Youth Orchestra (2021); RWCMD String soloists, como chefe de naipe (2019-2022); RWCMD Symphony Orchestra (2018-2022); Orquestra académica Filarmónica Portuguesa, como chefe de naipe (2019-2022); Jovem Orquestra Portuguesa (2017 com participação no Young Euro Classic Festival, Berlim). Em música de câmara, foi distinguida com o prémio “Cardiff Violins Chamber Prize” 2019, com o quarteto Adastri, e apresentou-se com o mesmo quarteto na Oslo Young Quartet Series, em 2019 (Noruega). Teve aulas com variados professores, entre os quais Dorothea Vogel (Professora na RWCMD); Lawrence Power (ERASMUS, na ZHdK – Zurique, 2020/21); Timothy Riddout, Tatjana Mazurenko, Christophe Desjardins e Rachel Podger (Masterclasses). Os seus variados interesses vão desde música barroca- tendo-se apresentado em viola barroca com os Devon Barroque (2022), Cambridge Handel Opera Company (produção de Tamerlano, 2022) e em Masterclasses com Rachel Podger e Jane Rodgers- até música contemporânea- tendo participado na produção de *Coram Boy* (ópera contemporânea de Jasper Dommet, 2019) e explorado música de Ângela Lopes, Anne Vitorino de Almeida e Hector Gonzalves. Iniciou os seus estudos musicais em 2009, no Conservatório de Música de S. José da Guarda, sob a orientação de Olena Sokolovska.

**Francisco Martins** (Castelo Branco, 2000) iniciou os seus estudos musicais na Escola de Música da Orquestra Típica Albicastrense, ingressando mais tarde no Conservatório Regional de Castelo Branco, onde concluiu o curso secundário de instrumento (acordeão) com a professora Carisa Marcelino. Em 2016, tocou com a Orquestra Sinfónica do Conservatório Regional de Castelo Branco e, em 2017, estreou *Misty – Symphonic Poem*, de Duarte Dinis Silva. Em 2018, ingressou na Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART) na vertente de instrumento, na classe do professor Paulo Jorge Ferreira. Na mesma instituição, formou o Lontano Trio, em 2019, com Clara Gonçalves (Saxofone) e Pedro Vasquinho (Contrabaixo), grupo com o qual conquistou o 2º lugar na Categoria F – Música de Câmara Nível Superior nas edições de 2020 e 2021 do Concurso Nacional de Acordeão Folefest. Em 2021 formou, também na ESART, o Exoduo, no qual colabora com o percussionista Gabriel Teixeira, conquistando o 1º prémio no Concurso Folefest (2022).

Em 2021, colaborou com o Síntese – Grupo de Música Contemporânea, participando na estreia de obras de César Viana, Pedro Faria Gomes e Solange Azevedo. Com o mesmo grupo, realizou concertos no Brasil (Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília e Goiânia), em Abril de 2022, tocando obras de compositores portugueses e estreando *Clown*, para saxofone soprano e acordeão, do compositor brasileiro Luiz Gonçalves. Na mesma temporada, tocou a 7ª Sinfonia de Bruckner com a Camerata Nov’Arte, sob a direção do maestro Luís Carvalho.

Premiado em vários concursos, destacam-se os primeiros prémios obtidos em quatro edições do concurso interno do Conservatório Regional de Castelo Branco, em especial o prémio “Maria do Carmo Gomes” (2017), que lhe conferiu a performance de solista com a Orquestra Sinfónica. No “Folefest”, recebeu o 1.º Prémio Categoria C e Prémio Melhor Intérprete (2019), 1.º Prémio Categoria B (2013), 2.º Prémio Categoria C (2016), 3.º Prémio Categoria B (2012), o 2º Prémio na Categoria F – Música de Câmara Ensino Superior (2020) e 1º Prémio na Categoria F (2022). Conta também com o 1.º Prémio nas 2.ª (2017) e 3.ª (2018) edições do “Concurso Nacional de Acordeão e Guitarra Portuguesa de Santarém”, bem como o 2.º Prémio na 1.ª edição (2016) deste mesmo evento.

Tem participado em Master Classes com músicos como An Raskin, Paulo Jorge Ferreira, Bayan Quartet, João Roíz Ensemble, Claudio Jacomucci, Vincent Lhermet, Gorka Hermosa, Bjarke Mogensen, Iñaki Alberdi, Miloš Milivojević, Veli Kujala e Ángel Luis Castaño.

**Rita Castro Blanco** (1993) é uma das mais promissoras jovens maestrinas portuguesas, tendo-se estreado recentemente com a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra das Beiras, Orquestra do Norte e os grupos Síntese – Grupo de Música Contemporânea e Capdeville Ensemble. Rita Castro Blanco desenvolve a sua carreira maioritariamente em Portugal e no Reino Unido, onde deteve o posto de Maestrina Titular da Huddersfield Philharmonic Orchestra de setembro de 2019 a janeiro de 2022.

Rita Castro Blanco tem vindo a desenvolver a sua experiência e interesse nos campos da música operática e contemporânea, que culminaram na sua selecção para integrar o novo programa de Mentoria para Maestrinas do Festival d’Aix-en-Provence e para ser uma de apenas quatro Conducting Fellows do Festival de Lucerne, ambos no verão de 2021.

No verão de 2020, foi Directora Musical da competição “Maratona Ópera XXI” inserida no Operafest Lisboa 2020, onde estreou 7 óperas originais portuguesas nos Jardins do Museu Nacional de Arte Antiga, encenadas por António Pires.

Como Maestrina Assistente, foi convidada para vários projectos operáticos como *Così fan tutte*, de W.A. Mozart, com a Orquestra Gulbenkian e Nuno Coelho (Março 2022), *La Passion de Simone*, da finlandesa K. Saariaho, com a Orquestra Nacional do Teatro S. Carlos e Joana Carneiro (Maio 2021), Missa de L. Bernstein, com a Orquestra Gulbenkian e Clark Rundell (Dezembro 2019), *Suor Angelica* e *Gianni Schicchi*, de G. Puccini, com a orquestra operática do RNCM e Martin André (Dezembro 2018), e na estreia de Beaumarchais, encomenda conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian e do Teatro Nacional D. Maria II com a Orquestra Gulbenkian e Pedro Amaral (2017).

Rita Castro Blanco iniciou os seus estudos musicais no Conservatório de Música Metropolitano de Lisboa, dando-lhes posteriormente continuidade na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde obteve a Licenciatura em Música de Direção na classe de Jean-Marc Burfin. Em 2019, concluiu o Mestrado de Música em Performance do Royal Northern College of Music, na classe de Clark Rundell e Mark Heron. Na prova final de Mestrado, Rita dirigiu de forma segura e inspiradora um programa diverso e exigente à frente da BBC Philharmonic, que contou com a estreia mundial do Concerto para Saxofone de Tom Harrol, compositor escocês internacionalmente premiado, e o poema sinfónico de Luiz de Freitas Branco, *Anthero de Quental*.

Durante os estudos no RNCM, colaborou como Maestrina Assistente nas orquestras da BBC Philharmonic, Royal Liverpool Philharmonic Orchestra, Manchester Camerata e Hallé, numa variedade de maestros, agrupamentos e repertório. Tem tido o privilégio de participar em conceituadas master classes e trabalhar com grandes maestros e pedagogos internacionais. Esta lista inclui Sir Mark Elder, Johannes Schlaefli, Mark Stringer, Thomas Hengelbrock, Mark Shanahan, Jessica Cottis e as orquestras da BBC Philharmonic, City of Birmingham Symphony Orchestra, Stavanger Symphony Orchestra, Balthasar Neumann Ensemble, Royal Opera House, London Sinfonietta e CHROMA Ensemble.

Os seus próximos compromissos incluem a Conducting Fellowship do Festival de Tanglewood e, ainda, concertos com a Orquestra do Festival de Mafra e a Lucerne Festival Contemporary Orchestra, onde irá trabalhar com os compositores galardoados com a Roche Young Commissions de 2023.

ritacastroblanco.com

**Orquestra das Beiras**

A Orquestra Filarmonia das Beiras (OFB) deu o seu primeiro concerto no dia 15 de Dezembro de 1997, sob a direção de Fernando Eldoro, seu primeiro director artístico. Criada no âmbito de um programa governamental para a constituição de uma rede de orquestras regionais, tem como fundadores diversas instituições e municípios da região das beiras, associados da Associação Musical das Beiras, que tutela a orquestra.

A OFB é composta por 31 músicos de cordas, sopros e percussão de diversas nacionalidades, com uma média etária jovem e é, desde 1999, dirigida artisticamente pelo Maestro António Vassalo Lourenço. Norteada por princípios de promoção e desenvolvimento da cultura musical, através de acções de captação, formação e fidelização de públicos e de apoio na formação profissionalizante de jovens músicos, democratizando e descentralizando a oferta cultural, a OFB tem dado inúmeros concertos, além de desenvolver frequentes e constantes actividades pedagógicas (programas pedagógicos infanto-juvenis, cursos internacionais vocais, instrumentais e de direcção de orquestra). Também sob estes princípios, apresenta, desde 2006, produções de ópera diversas (infantil, de repertório ou portuguesa).

A OFB tem participado nos principais festivais de música do país e do estrangeiro, ou em importantes cooperações e co-produções com outros organismos artísticos, sendo regularmente dirigida por alguns maestros estrangeiros e pelos mais conceituados maestros em actividade em Portugal e tem colaborado com músicos de grande prestígio nacional e internacional. Simultaneamente, tem procurado dar oportunidade à nova geração de músicos portugueses, sejam eles maestros, instrumentistas ou cantores. Do repertório da OFB constam obras que vão desde o século XVII ao século XXI, tendo a Direcção Artística dado particular importância à interpretação de música portuguesa, quer ao nível da recuperação do património musical, quer à execução de obras dos principais compositores dos séculos XX e XXI.

A OFB é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Direcção-Geral das Artes.

**Tiago Patrocínio Coimbra** (1990) é oboé solista na Göttinger Symphonie Orchester (Alemanha) e integra também a Orquestra Filarmonia das Beiras.

Foi membro da Gustav Mahler Jugendorchester e colaborou como oboé solista com a NDR Radiophilharmonie Hannover, MDR Sinfonie-orchester Leipzig, Staatsoper Hannover, Staats-orchester Braunschweig, Staatsorchester Kassel, Remix Ensemble, Orquestra XXI e Orquestra Filarmónica Portuguesa, integrando ainda a Luzerner Sinfonieorchester, Opernhaus Zürich, Orquestra Gulbenkian e Orquestra Nacional do Porto. Actuou nas principais cidades europeias, bem como na Rússia, China e no Japão.

Tiago Coimbra foi premiado em vários concursos internacionais e apresentou-se a solo com a Basel Kammerorchester, Argovia Philharmonic, Göttinger Symphonie Orchester, Philharmonic of Yakutia e com a Orquestra Filarmonia das Beiras.

A música de câmara assume um papel importante no seu percurso, pelo que é membro fundador do Art’Ventus Quintet e trabalha regularmente com o ensemble Camerata Nov’Arte, a harpista Carolina Coimbra, o CODA Quintet, o Trio Fermata e com solistas da GSO.

O gosto pela música contemporânea levou-o a trabalhar com importantes compositores do seu tempo, como Hans Ulrich Lehmann, Helmut Lachenmann, Heinz Holliger, James MacMillan, Sérgio Azevedo, Luís Carvalho e David Philip Hefti, de quem estreou algumas obras para oboé. Enquanto compositor, as obras de Tiago Coimbra estão disponíveis na AVA Musical Editions.

Em 2016, concluiu com distinção o diploma de solista com Emanuel Abbühl, na Hochschule für Musik Basel, após ter terminado, em 2013, o mestrado com a classificação máxima na Zürcher Hochschule der Künste, na classe de oboé de Thomas Indermühle. Estudou também com Maurice Bourgue, na Académie Musicale de Villecroze e em aulas particulares. É doutorado em Música pela Universidade de Aveiro.

Iniciou os estudos de oboé com Saul Silva e Ana Madalena Silva no Conservatório de Vila Nova de Gaia.

Ao longo da sua carreira, foi bolseiro das prestigiadas fundações suíças LYRA Stiftung, Fritz-Gerber Stiftung e Bruno-Schuler Stiftung, entre outras.

tiagocoimbra.com

**PROGRAMADORES**

**Diana Ferreira** (1976) concluiu a Licenciatura em Ensino de Música (Composição) na Universidade de Aveiro, tendo estudado composição e música electroacústica com Godfried-Willem Raes, na Hogeschool Gent. Na mesma universidade concluiu o Mestrado em Ensino de Música (História da Música). É pós-graduada em História Moderna e Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Participou em seminários de composição e de música electroacústica orientados por Emmanuel Nunes, Jorge Antunes, Christopher Bochmann, Gérard Grisey, Jonathan Harvey, Salvatore Sciarrino, Kaija Saariaho, Philippe Mannoury, Isabel Mundry, Beat Furrer, Hans Zender, Jean-Claude Risset e John Chowning, entre outros.

No domínio da divulgação cultural, com João Pais e Luís Pena criou as Jornadas Nova Música (1997-2001), iniciando nessa altura o percurso em que associa a programação à produção de projectos que potenciam a criação de nova música. Criou o festival de música electroacústica Aveiro\_Síntese (2002), no ano em que co-fundou a Arte no Tempo, organismo que dirige e no âmbito do qual tem realizado a maior parte da sua actividade enquanto programadora.

Foi convidada a difundir peças suas e de outros compositores, em Portugal e no estrangeiro, e algumas das suas peças foram premiadas e tocadas em Portugal, França e Itália.

É professora de Análise e Técnicas de Composição e de História da Cultura e das Artes, assim como colaboradora do jornal Público.

Investigador nas áreas da Organologia e da Acústica Musical, **Pedro Bento** (1962) obteve o grau de PhD in Music (Organology) na Universidade de Edinburgo (dissertação *The Harpsichord: Its Timbre, Its Tuning Process, and their Interrelations*, sob a orientação de Darryl Martin e Arnold Myers). É Mestre em Música pela Universidade de Aveiro (dissertação: *Recursos, Ideias, Concepção e Realização Material no Alvorecer da Música Electroacústica:* O *Poème Electronique de Edgard Varèse*, sob a orientação de Isabel Soveral) e Licenciado em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa. Apresentou comunicações em conferências de Organologia nas Universidades de Yale, do Dakota do Sul (Vermillion, EUA), de Edimburgo (Escócia) e de Tessalónica (Grécia), no National Music Museum (Vermillion, SD), na Cantos Music Foundation (Calgary, Canadá) e na Accademia Nazionale di S. Cecilia (Roma). Frequentou masterclasses com especialistas na área da música antiga, como Robert Wooley, René Clemencic e David Reichenberg.   
Foi professor da Academia Nacional Superior de Orquestra. Lecciona desde 1983 no Conservatório de Música de Aveiro, onde é actualmente professor de Análise e Técnicas de Composição e da cadeira trienal de Acústica e Organologia, por cujo projecto de introdução no contexto da Oferta Complementar foi responsável. Neste conservatório, tem promovido ciclos temáticos anuais de actividades, nos quais colabora também como conferencista e intérprete: «Ciclo de Homenagem a Edgard Varèse» (em colaboração com a Arte no Tempo (2015/16), «I Ciclo de Performance Historicamente Informada: Homenagem a Claudio Monteverdi» (2016/15) e «Ciclo de Homenagem a Claude Debussy» (2017/18). Formou e dirige o Coro Senario, que se dedica à preparação de repertório de interesse histórico com base num modelo de afinação natural e dentro de critérios historicamente informados, aplicando na prática princípios que são abordados nas disciplinas que lecciona.

**Ficha técnica | Aveiro\_Síntese 2022**

Programação | Diana Ferreira

Produção | Arte no Tempo e Teatro Aveirense

Estágio NMpNM e apoio à produção | Matilde Andrade

Informática Musical | Nádia Carvalho

Design de comunicação | Carlos Santos

Comunicação | Maria Gabriela Ferreira

**APOIO**  
Direcção Geral das Artes

Município de Aveiro